

PORTUGAL E ESPANHA NA COMUNIDADE

IBERO-AMERICANA

Caros Participantes

Senhoras e Senhores,

1. Quero agradecer à Associação de Jornalistas Europeus - e, em especial, à minha querida Amiga Fernanda Gabriel, a D. Diego Corcedo (Presidente) e a D. Miguel Angel Aguilar (Secretário Geral da APE), o gentil convite que me dirigiram para participar na sessão de encerramento do VI Seminário Luso-Espanhol de Periodistas, intitulado "Aproximações e Distâncias".

2. Antes de mais, desejo felicitar os organizadores pela actualidade desta iniciativa, que se realiza nas Termas de Monfortinho, região fronteiriça, para debater questões relativas ao momento que atravessa a União Europeia (Tratado de Lisboa, pacote energético, futuro da Europa, crise financeira mundial, etc.) e também a problemática das regiões fronteiriças, numa perspectiva não só política ou económico social, mas também cultural e mediática. A excepcional qualidade dos participantes, por outro lado, representa uma sólida garantia que o VI Seminário Luso-Espanhol de Periodistas revestirá um enorme interesse, aliás na linha dos que o antecederam.

3. A sessão de encerramento a cargo do meu ilustre e admirado amigo, Enrique Iglésias, que não pôde vir e foi substituído por Alberto Navarro, antigo Secretário de Estado espanhol, pelo notável escritor italiano António Tabucchi e de mim próprio, versa sobre "Portugal e Espanha, na Comunidade Ibero-Americana". Um tema extremamente actual e de grande interesse para o futuro da nossa Península.

4. Vai longe o tempo em que Espanha e Portugal viviam de costas voltadas, não obstante a aliança ideológica firmada entre os dois ditadores peninsulares: Franco e Salazar, expressa no célebre Pacto Ibérico. Mas por múltiplas razões, os Povos peninsulares nunca comunicaram - até talvez porque não estavam, obviamente, sintonizados com os seus chefes - apesar da estreita colaboração, a nível dos Governos, que mantiveram durante a guerra civil espanhola (1936-1939), em que Salazar tão decisivamente auxiliou os fascistas espanhóis e, depois, pelo menos nos primeiros anos da II Grande Guerra Mundial.

5. Com a Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974, tudo mudou. Na verdade, foi uma revolução sem efusão de sangue, pacífica e apesar de inesperada, para a Europa e o Mundo, constituiu um inegável sucesso, na medida em que realizou todos os seus objectivos: "descolonizar, democratizar e desenvolver". Foi, aliás, saudado com imenso entusiasmo em toda a Espanha, teve uma influência muito positiva na "transição acordada" espanhola, que asseguraria também a Democracia, pacificamente no país vizinho.

6. Mais do que isso: a revolução portuguesa e a transição democrática espanhola tornaram fluidas, natural e quase automaticamente, as relações entre os dois Estados peninsulares e os diversos Povos Ibéricos. O velho e obsoleto Pacto Ibérico foi substituído por um Tratado de Amizade entre Espanha e Portugal - que Adolfo Suarez e eu próprio tivemos a honra de subscrever - e repercutiu-se, poucos anos depois, nos países ibero-americanos, muitos deles ditaduras militares que, a partir dos anos oitenta, se transformaram em democracias.

7. A entrada de Espanha e Portugal para a então CEE - em 12 de Junho de 1985 - como membros de pleno direito, favoreceu, igualmente as relações entre a Europa e a Ibero-América. As raízes ibéricas culturais, linguísticas e de civilização foram aprofundadas na Ibero América, bem como as relações económicas e políticas. Após a criação do Mercosul houve a intenção de trilhar um caminho que tinha como referência a CEE, com a Europa, de algum modo, a servir de contrapeso aos Estados Unidos. Mas não se avançou muito.

8. Contudo, o Mundo está em aceleradíssima mudança. Após se ter verificado o colapso do universo comunista, os Estados Unidos convenceram-se de que iriam ser a hiperpotência mundial, o "polícia" do mundo, e o "império benigno". No entanto, os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 provaram que a América não era invulnerável, ao contrário do que julgavam, muitos dos estrategas americanos neo-liberais. Em vez de aproveitarem a onda de solidariedade que lhes foi,

espontaneamente, oferecida, em todos os Continentes, provocando o reforço das Nações Unidas, delinearam uma estratégia de conjunto - que não foi nem inteligente, nem suficientemente informada - na luta contra o terrorismo. Fizeram exactamente o contrário do que deveriam ter feito. Decidiram pela maneira forte. Unilateral, marginalizando as Nações Unidas e optando pelas chamadas "guerras preventivas". Um absurdo! Invadiram o Afeganistão, utilizando a NATO como um seu braço armado - o que constituiu um precedente perigosíssimo, como agora toda a gente já percebeu - e, depois, meteram-se no atoleiro do Iraque - pior que o Vietname - donde não se sabe como vão sair, quando e com que negativas consequências. Com efeito, o prestígio da América no Mundo nunca esteve tão baixo como agora...

9. Pelo seu lado, a União Europeia não encontrou os líderes à altura da situação. A "velha Europa" ainda tentou reagir. Mas em vão. Criou-se assim um impasse, que tem paralisado a União Europeia, como protagonista global, apesar do último alargamento e do Tratado de Lisboa, que, constituindo um passo em frente, positivo, ainda não foi ratificado pelos hoje 27 Estados membros e, mesmo que o venha a ser - como espero - está longe de poder dar o empurrão decisivo na construção europeia, que desejaríamos.

10. Entretanto o Mundo está de novo em acelerada mudança. 2008 será, com alguma probabilidade, um ano decisivo, apesar da crise financeira contra a qual estamos a lutar, sem uma estratégia coerente, e da recessão económica em que está a entrar a América, que se reflectirá - não tenho dúvida - na Europa e no Mundo, com evidentes consequências negativas. Contudo, as próximas eleições americanas, sobretudo se ganhar Barack Obama, como desejo que aconteça, modificará radicalmente as políticas externas da América e trará um vento de progresso inevitável para a Europa e parte do Mundo.

11. O Mundo voltou a ser multilateral e a evolução dos grandes países emergentes - Brasil, Rússia, Índia e China, além de outros que estão também a emergir - terá que ser tomada em linha de conta, muito seriamente, se quisermos fazer face aos grandes desafios planetários com que hoje se confronta a Humanidade. As Nações Unidas terão que ser reestruturadas para que possamos pensar numa governance mundial, de forma a regulamentar a globalização neo-liberal, conferindo-lhe valores éticos, sociais e ambientais.

É óbvio também que o fenómeno novo da cidadania global faz-nos ter esperança que não é mais possível que os governantes possam decidir, em democracia, sem ter em conta a opinião dos seus concidadãos.

12. A Ibero-América tem vindo a sofrer também uma evolução considerável no sentido de uma certa unidade civilizacional e integração económica e social. A Ibero-América deixou de ser, nos últimos anos, o "pátio traseiro" da América do Norte. Não só o Brasil, esse país continente, que atingiu um nível de desenvolvimento, de progresso e de autonomia económica verdadeiramente surpreendente. Mas também o México, o Chile, a Argentina e a Venezuela, para só citar aqueles que se movem na cena internacional com maior autonomia.

13. Ora, a América Latina, para além das suas raízes étnicas, que persistem, tem uma certa unidade civilizacional e linguística que lhe vem do legado ibérico, tendo como línguas principais o castelhano e o português - que podem facilmente comunicar entre si, através do portunhol - e que representam um universo linguístico de cerca de 800 milhões de seres humanos - sem contar a população norte-americana, 30% da qual, fala castelhano e português.

Daí que seja tão decisivamente importante estreitar as relações entre a América Latina e a União Europeia, cabendo aos Estados peninsulares um papel pioneiro nesse domínio.

14. Como disse no início, Portugal e Espanha são hoje países amigos, com relações fronteiriças excelentes, sem fronteiras e tendo em conta que a Espanha é um Estado plural, com várias e fraternas nacionalidades, ao contrário de Portugal que é um Estado nação.

Vivemos hoje, graças à entrada dos dois Estados, ao mesmo tempo, na Comunidade Europeia, uma economia mais ou menos integrada, ambas abertas, tendo políticas - e interesses - convergentes na União Europeia, no Mediterrâneo, no Atlântico e na Ibero-América, visto ambos pertencermos à Comunidade Ibero-Americana.

15. No plano internacional essa é uma oportunidade histórica, verdadeiramente impar, que devemos saber aproveitar, com inteligência e humildade e sem qualquer pensamento hegemónico. Se o soubermos fazer - como espero - fortaleceremos a nossa posição geo-estratégica na União Europeia, no Mediterrâneo, na Ibero-América e na América do Norte.

Para não falar em África, onde Portugal pode dar um contributo importante, graças ao desenvolvimento, não só no plano linguístico mas também económico, cultural e de solidariedade política, através da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

16. Termino, saudando a vossa iniciativa e a importância que tem para os Povos Ibéricos um desenvolvimento equilibrado e aberto das relações fronteiriças, no espaço peninsular.

Monfortinho, 12 de Abril de 2008